

Novas soluções...

Sinda Fitt
por Paulo Sotero
de Washington
(Continuação da 1ª página)

dos governos e o apoio financeiro dos bancos multilaterais e privados, que vem buscar.

Segundo fontes ouvidas em Washington e Nova York, contra Funaro existe a incerteza quanto a sua permanência à frente da economia brasileira. Pesa, também, a convicção de que o governo Sarney, independentemente do nome do ministro da Fazenda, dificilmente terá disposição política para formular e implementar um programa de ajustamento que se julga necessário para corrigir as distorções domésticas que precipitaram a moratória.

A decisão do governo americano, de rebaixar para "sub standard" os créditos do Brasil, e que levou vários bancos a colocar seus empréstimos ao País em "regime de caixa" na semana passada, sem esperar pelo prazo normal de noventa dias, foi um tiro calculado, segundo fontes oficiais de Washington, para advertir o País que ele arrisca prejuízos ainda maiores a seu crédito se não revogar a suspensão de pagamentos e adotar um programa econômico consistente.

A atitude dos bancos, de começar a assumir perdas

muito antes do momento em que precisaria fazê-lo, sinaliza a clara disposição de endurecer e preparar-se para atravessar um período de turbulência.

Dos organismos oficiais, o governo Sarney não deve, tampouco, esperar muito. Por causa da moratória, o processo de avaliação de novos créditos para o Brasil, no Banco Mundial, está parado, segundo informação prestada, na semana passada, ao Congresso, pelo vice-secretário adjunto do Tesouro, James Conrow. No FMI, o início da gestão de Camdessus, que foi eleito para o comando da instituição com "lobby" e voto brasileiros, deveria, normalmente, abrir a oportunidade para uma aproximação maior com a instituição.

Mas a insistência das autoridades do País de usar o FMI como bode expiatório do ajustamento econômico causa ressentimentos profundos. E Camdessus, embora simpático ao Brasil, não parece disposto a arriscar-se a um desgaste para acomodar as reivindicações brasileiras. Atribui-se ao novo diretor do FMI a convicção de que o Brasil tem hoje relações normais com o organismo e que procurará superar suas dificuldades atuais com os bancos da forma mais penosa, ou seja, sem pedir a sua assistência.

'Novas soluções para a dívida

por Paulo Sotero
de Washington

O ministro da Fazenda, Dilon Funaro, que apresenta nesta semana, em Washington e Nova York, a proposta brasileira de renegociação da dívida, estará pisando em terreno fértil para mudanças.

Nas últimas semanas, sob o impacto da decisão do Brasil de suspender os pagamentos de suas dívidas aos bancos, funcionários categorizados do governo americano, diretores executivos de países europeus no Fundo Monetário Internacional e no Banco Mundial e mesmo alguns banqueiros passaram a dar ênfase, em pronunciamentos públicos e em conversas de bastidores, à necessidade de agilizar o processo de negociação e de, respeitados os limites do mercado, flexibilizar e diversificar os mecanismos até agora utilizados através da introdução de soluções novas e criativas.

Acredita-se que, entre os advogados da necessidade de se estudarem inovações, figura o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, que nesta semana comandará sua primeira reunião

do comitê interino da instituição.

O fato de o terreno estar fértil não significa, porém, que Funaro conseguirá necessariamente plantar as sementes que deseja. Pelas indicações disponíveis, o ministro, que desembarca em Nova York nesta terça-feira, para conversar com banqueiros e fazer duas palestras, e estará em Washington no dia seguinte, terá uma recepção gelidamente cordial e, a menos que esteja disposto a fazer gestos dramáticos de conciliação, chega com muito poucas chances de levar o apoio político

(Continua na página 20)

O presidente do subcomitê econômico do comitê de bancos credores, Douglas Smee, do Bank of Montreal, viajou para Brasília na semana passada para atualizar os números das contas do País, que os bancos desejam ter em mãos antes de se reunirem com o presidente do Banco Central, Francisco Gros, na próxima semana. Fontes bancárias indicaram a este jornal que o Banco Central e a direção do comitê concordaram em adiantar os trabalhos preparatórios à reunião, a fim de que ela tenha chances de ser produtiva.